



{SUPLENTO.

ENSAIO DE ANTONIO CANDIDO
SOBRE O AMANUESE BELMIRO
+ REINALDO MARQUES A ESCRI-
TA AUTOBIOGRÁFICA EM CYRO
DOS ANJOS + TEXTO DE MARIA
ANGÉLICA MELENDI SOBRE MON-
TANHA ROMANCE EM QUADRI-
NHOS. HOMENAGEM AO CEN-
TENÁRIO DE CYRO DOS ANJOS.

Nada mais pertinente e necessário, neste ano em que se comemora o centenário de Cyro dos Anjos, do que prestar uma homenagem ao escritor que, nascido em Montes Claros, soube como poucos, expressar os sentimentos da alma humana, através de sua escrita autobiográfica marcada pela ação da memória, sempre enganosa, pois como bem sabia, “escrever a vida jamais coincide com o vivido”.

Cyro dos Anjos é um escritor pouco lido, pouco divulgado e bastante injustiçado, se considerarmos a qualidade - e não a quantidade - de sua obra. Ao se lembrar da distinção feita por Valéry entre os escritores estrategistas e táticos, Antonio Candido, em instigante artigo sobre *O amanuense Belmiro*, afirma que seu autor pertence aos da primeira categoria para explicar o trabalho, fruto de um longo período de meditação e amadurecimento das idéias até que se tornem palavras - sentimentos e pensamentos.

Nesta edição do Suplemento Literário em parceria com a Fundação Municipal de Cultura no VII Salão do Livro Encontro de Literatura, realizado em Belo Horizonte, entre os dias 10 a 20 de agosto de 2006, o leitor encontrará artigos que, de maneiras diversas, fulcram a questão central da obra memorialística de Cyro dos Anjos, instigando-o não apenas a ler, mas a deixar-se ler e viver as reflexões do amanuense sobre o passado e o presente, o espaço e o tempo, o lirismo e a dura realidade do cotidiano, ambigüidades que provocam, no escritor, o sofrimento da descoberta - e da certeza - de que “tudo está manchado por mim”. No espaço, constrói-se o tempo e no tempo cada um se constrói a si mesmo e aos outros.

Camila Diniz Ferreira
Editora



CAPA: Detalhe da capa do romance *Montanha*, de **CYRO DOS ANJOS**, editado pela Livraria José Olympio Editora.

SECRETÁRIA DE ESTADO DE CULTURA **ELEONORA SANTA ROSA** SECRETÁRIO ADJUNTO **MARCELO BRAGA DE FREITAS** SUPERINTENDENTE **CAMILA DINIZ FERREIRA** PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE **MÁRCIA LARICA** CONSELHO EDITORIAL **ÂNGELA LAGO + CARLOS BRANDÃO + EDUARDO DE JESUS + MELÂNIA SILVA DE AGUIAR + RONALD POLITO** EQUIPE DE APOIO **ANA LÚCIA GAMA + ELIZABETH NEVES + FREDERICO MATOS + ROSÂNGELA CALDEIRA** ESTAGIÁRIOS **LORENA LOPES + VALBER PALMEIRA + NATÁLIA DUTRA** JORNALISTA RESPONSÁVEL **ADRIANA BARBOSA** (REG. PROF. 6481/ M.G.). TEXTOS ASSINADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES. AGRADECIMENTOS: CURADOR **WANDER MELO MIRANDA** + CURADOR DO VII SALÃO DO LIVRO ENCONTRO DE LITERATURA BELO HORIZONTE **JOSÉ ALBERTO PINHO NEVES** + IMPRENSA OFICIAL/ **FRANCISCO PEDALINO COSTA** DIRETOR GERAL, **J. PERSICHINI CUNHA** DIRETOR DE TECNOLOGIA GRÁFICA. (ESTA EDIÇÃO É UMA PARCERIA ENTRE A SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E A FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA NA PESSOA DE SUA PRESIDENTE **MARIA ANTONIETA ANTUNES CUNHA**.)

{**SUPL
MEN+O.**

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 - Anexo
30130-180 Belo Horizonte MG
Tel/fax: 31 3213-1072
suplemento@cultura.mg.gov.br

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.



CENTENÁRIO
CYRO
DOS
ANJOS

**ES
TRA
TE
GIA**

ANTONIO CANDIDO

Almeida Salles publicou certa vez em *Planalto* um dos rodapés mais inteligentes que têm aparecido na imprensa periódica de São Paulo, no qual aplica à nossa literatura a distinção de Valéry entre escritores *estrategistas* e escritores *táticos*, alargando-se em reflexões muito agudas e justas sobre a natureza da criação literária. Os nossos autores, segundo Almeida Salles, pertencem quase na totalidade ao segundo grupo, isto é, o composto pelos dotados de talento e habituados a construir, segundo o influxo dele, no primeiro movimento da inspiração. Guiando-se quase apenas pelo instinto, opõem-se deste modo aos do primeiro grupo, que vêem na criação o afloramento definitivo de um largo trabalho anterior, baseado em anos de meditação e de progressivo domínio dos meios técnicos. Confiam, numa palavra, menos na força impulsiva do talento que no domínio vagaroso, mas seguro, dos recursos da sua arte – condição primeira para a plena expressão do pensamento e da sensibilidade.

Nota: Este artigo, publicado inicialmente na *Folha da Manhã*, de São Paulo, em 2 de maio de 1943, foi incluído em 1945 no livro *Brigada ligeira*.

Lendo o artigo, a primeira pessoa em que pensei foi o romancista mineiro
Ciro dos Anjos, que, para falar como Almeida Salles (ou Valéry, se quiserem),
me parece um dos maiores dentre os poucos estrategistas da literatura
brasileira contemporânea.

Segundo me contam, *Ciro dos Anjos* anda pela casa dos quarenta. Há mais de cinco anos publicou o seu único livro – *O amanuense Belmiro* – uma obra-prima, sem dúvida alguma. O acabamento, a segurança, o equilíbrio, a realização quase perfeita revelam o artista profundamente consciente das técnicas e dos meios do seu ofício, possuidor de uma visão pessoal das coisas, lentamente cristalizada no decorrer de longos anos de meditação e estudo. Porque esse romance é o livro de um homem culto. No seu subsolo circulam reminiscências várias de leitura, ecos de Bergson, de Proust, de Amiel, de autores cuidadosamente lidos ou harmoniosamente incorporados ao património mental. Por isso é que ele ressoa de modo tão diferente no nosso meio, com um som de coisa definitiva e necessária, nem sempre produzido pelas obras dos nossos generosos táticos.

O amanuense Belmiro é o livro de um burocrata lírico. Um homem sentimental e tolhido, fortemente tolhido pelo excesso de vida interior, escreve o seu diário e conta as suas histórias. Para ele, escrever é, de fato, evadir-se da vida; é a única maneira de suportar a volta às suas decepções, pois escrevendo-as, pensando-as, analisando-as, o amanuense estabelece um movimento de balança entre a realidade e o sonho.

Quem quiser fale mal da literatura. Quanto a mim, direi que devo a ela a minha salvação. Venho da rua deprimido, escrevo dez linhas, torno-me olímpico... Em verdade vos digo: quem escreve neste caderno não é o homem fraco que há pouco entrou no escritório. É um homem poderoso, que espia para dentro, sorri e diz: ‘Ora bolas’

O amanuense é infeliz. Chegou quase aos quarenta anos sem nada ter feito de apreciável na vida. Sonha; carrega nas costas a enorme trouxa de um passado de que não pode se desprender, porque dentro dele estão as doces cenas da adolescência. De repente, uma noite de carnaval lhe

traz a imagem de uma donzela gentil. O amanuense ama, mas à sua maneira: identificando a moça de carne e osso, que mal enxerga de quando em vez, com a imagem longínqua da namorada da infância, ela própria quase um mito – um mito como o da donzela Arabela. Não é difícil perceber o mal de Belmiro, literato *in erba*, lírico não realizado, solteirão nostálgico. A sua desadaptação ao meio levou-o à solução intelectual; esta, que falhou como solução vital, permanece como fatalidade, e o amanuense, a fim de encontrar um pouco de calor e de vida, é empurrado para o refúgio que lhe resta – o passado – uma vez que o presente lhe escapa das mãos, “(...) bem noto que vou entrando numa fase da vida em que o espírito abre mão das suas conquistas e o homem procura a infância, numa comovente pesquisa das remotas origens do ser”.

Ora, se fosse só isso, estava tudo muito bem. O drama é que o presente se insinua no passado. Se fosse possível viver integralmente no mundo recriado pela memória, haveria a possibilidade de *um modus vivendi* quase normal, a seu jeito, como o do narrador de *À La Recherche du Temps Perdu*. Acontece, porém, que a sensibilidade de Belmiro, jogando-o como uma bola entre o passado e o presente, perturbando este com os arquétipos daquele, desmanchando a pureza daquele com a intromissão das imagens deste, não lhe permite uma existência atual.

(...) depois de uma infância romântica e uma adolescência melancólica, o homem supõe que encontrou a sua expressão definitiva e que sua própria substância já lhe basta para as combustões interiores; crê encerrado o seu ciclo e volta para dentro de si mesmo, à procura de fugitivas imagens do passado, nas quais o espírito se há de comprazer.

Mas as forças vitais, que impelem o homem para a frente, ainda estão ativas nele e realizam um sorrateiro trabalho, fazendo-o voltar para a vida, sedento e agitado. Para iludir-lhe o espírito vaidoso, oferecem-lhe o presente sob aspectos enganosos, encarnando formas do passado.

Belmiro, então, se entrega ao presente; mas não o vive. Submete -se, e readquire o equilíbrio pela auto-análise. Sabe que não lhe adianta pensar em como as coisas seriam se não fossem o que são, e, concluindo que “a verdade está na rua Erê”, isto é, na sua casinha modesta e no seu ramerrão cotidiano, recita com o poeta:

Mundo mundo, vasto mundo
Se eu me chamasse Raimundo
Seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo, vasto mundo
mais vasto é o meu coração.

“Mais vasto é o meu coração.” Conclusão típica de introvertido, de homem que não lamenta, como Lawrence: “Eu estava tão enjoado do mundo. Tão cansado dele. Tudo estava manchado por mim”, – porque a sua evasão consiste justamente em introjetar o mundo e banhá-lo todo nas próprias águas. Belmiro é o homem que chegou ao estado de paralisia por excesso de análise: “(...) já lhes contei o que se passa dentro de mim quando começo a meditar: perco-me num labirinto de antinomias.” Isto significa que é um candidato ao cepticismo integral e à imobilidade através do relativismo. Sempre a tomar consciência plena das suas variações e dos seus aspectos múltiplos, Belmiro é o contrário do homem forte de que fala Balzac, o homem que não se lembra, que cresce num impulso vegetal, sem a peia do passado.

Há uma circunstância, porém, que o salva e o liberta das redes do analista: o senso lírico da vida, que restabelece o equilíbrio vital.

Falou-se muito em Machado de Assis a propósito de *Ciro dos Anjos*, insistindo-se sobre o que há de semelhante no estilo e no humorismo de ambos. O que não se falou, porém, foi da diferença radical que existe entre eles: enquanto Machado de Assis tinha uma visão que se poderia chamar dramática, no sentido próprio, da vida, *Ciro dos Anjos* possui, além dessa e dando-lhe um cunho muito especial, um maravilhoso sentido poético das coisas e dos homens. O que é admirável, no seu livro, é o diálogo entre o lírico, que quer se abandonar, e o analista, dotado de *humour*, que o chama à ordem; ou, ao contrário, o analista querendo dar aos fatos e aos sentimentos um valor quase de pura constatação, e o lírico chamando-o à vida, envolvendo uns e outros em piedosa ternura. Esta alternância, que ele emprega também como um processo literário, nós a encontramos de capítulo a capítulo, de cena a cena, na própria construção do estilo. E a certa altura, o amanuense a torna explícita:

Tais desnivelamentos é que compõem minha vida e lhe sustentam o equilíbrio. A um Belmiro patético que se expandiu, enorme, na atmosfera caraibana – contemplando a destruição das suas paisagens – sempre sucede um Belmiro sofisticado, que compensa o primeiro e o retifica, ajustando-o aos quadros cotidianos. Chegado à sua toca da rua Erê, o Belmiro egresso de

Caraíbas se apalpa, se reajusta e assobia a fantasia do hino nacional de Gottschalk.

Esta disposição excepcional, que dá uma dignidade humana tão grande à poesia de Manuel Bandeira e de Carlos Drummond de Andrade, é o fundamento da arte de *Ciro dos Anjos*, e empresta ao seu romance uma qualidade de vida que é superior à de Machado de Assis. Para conhecer este psicólogo lírico é preciso ler todo o admirável § 33 d’*O Amanuense Belmiro*, quando ele descobre que o passado que evoca não existe em si, mas é uma criação da sua saudade e da sua imaginação deformadora. O amanuense, pela primeira vez, sofre ao perceber que “tudo está manchado por mim”, e considera tristemente: “Não voltarei a Vila Caraíbas. As coisas não estão no espaço, leitor; as coisas estão é no tempo. Há, nelas, ilusórias permanências de forma, que escondem uma desagregação constante, ainda que infinitesimal.”

Se assim é, por que escrever sobre um passado que realmente não existe e um presente que cede ante a ponta aguda da análise? Belmiro escreve porque precisa abrir uma janela na consciência a fim de se equilibrar na vida, o que não importa em ilusão quanto ao verdadeiro significado deste trabalho: “Grande coisa é encontrarmos um nome imponente, para definir certos estados de espírito. Não se resolve nada, mas ficamos satisfeitos. O homem é um animal definidor.”

Numa ordem mais geral de ideias, pode-se dizer que o amanuense é uma ilustração do gravíssimo problema dos efeitos da inteligência, através do seu poder de análise, sobre o curso normal das relações humanas. Encarando assim o livro, o seu núcleo significativo vai ser encontrado numa página do diário de Silvano, indiscretamente lida por

Belmiro: “Problema: – O eterno, o Fáustico. – O amor (vida) estrangulado pelo conhecimento.”

É este, com efeito, o problema central da obra. A atitude belmiriana resulta de uma aplicação do conhecimento aos atos da vida – entendendo-se neste caso por conhecimento a atitude mental que subordina a aceitação direta da vida a um processo prévio de reflexão. E assim, *Ciro dos Anjos* nos leva a pensar no destino do intelectual na sociedade, que até aqui tem movido uma conspiração geral para belmirisá-lo, para confiná-lo nas esferas em que o seu pensamento, absorto nas donzelas Arabelas, nas Vilas Caraíbas do passado, na autocontemplação, não apresenta virulência alguma que possa pôr diretamente em xeque a ela, sociedade organizada. Criando-lhe condições de vida mais ou menos abafantes, explorando metodicamente os seus complexos e cacoetes, os poderosos deste mundo só o deixam em paz quando ele se expande nos campos geralmente inofensivos da literatura personalista, ou quando entra reverente no seu séquito. Coisas em que a gente se põe a matutar, quando vê aquele Belmiro tão inteligente e tão sensível, solidamente mantido em paz pela magreza do seu ordenado de amanuense, e perfeitamente desfiado pela prática cotidiana da introspecção (costume muito estimável, segundo os cânones). Ou aquele Silviano cheio de seiva, que é reduzido a não deixar transbordar senão a sua retórica, uma vez que aceitou como valor eterno uma filosofia que lhe aconselha a *blague*, cômoda para os negócios públicos, da auto-perfeição pela ascese intelectual.

Mas não é esta a impressão final que fica do livro de *Ciro dos Anjos*, cuja releitura faço pela quinta ou sexta vez, o que é um deleitoso consolo, como diria o Eça, para a ficção mais ou menos frouxa com que o crítico tem não raro de se defrontar.

Na página 27, Belmiro fala de um tocador de sanfona da sua Vila Caraíbas, que

(...) tocava apenas por amor à arte, ou talvez para chorar as mágoas. E chorava-as tão bem que cada um que o cercava, sentia suas mágoas igualmente choradas. O artista se revelava, por esta forma, perfeito, extraindo dos seus motivos individuais melodias ajustadas às necessidades da alma dos circunstantes, que ali iam buscar expressão para sentimentos indefiníveis que os povoavam e só se traduziriam por frases musicais. Esse traço da generosidade inconsciente dos grandes artistas se encontrava no sanfonista da ladeira da Conceição.

E assim é esse livro, como são em geral os livros dos escritores de Minas.

Livros que lidam com os problemas do homem num tom de tal modo penetrante que autor e leitor se identificam, num admirável movimento de afinação.

Não são livros que se imponham de fora para dentro, vibrantes, cheios de força. Insinuam-se lentamente na sensibilidade, até se identificarem com a nossa própria experiência¹.

1. Recentemente apareceu um livro de grande utilidade para o estudo das raízes psicológicas d'*O amanuense Belmiro*. Trata-se da *História da família Versiani*, de Rui Veloso Versiani dos Anjos, Belo Horizonte, 1944.



DANÇA RAPARIGAS

BELMIRO BORBA

Passeando pelas ruas da cidade a minha magra figura, fui sintonizando aqui e ali essas ondas de alegria de que tanto carece a melancólica substância do velho e deficitário Belmiro.

Bem que a vida poderia ser um Carnaval permanente. Bem que as moças em flor poderiam sempre fazer a ronda alegre das ruas, cantando essas cantigas perturbadoras e que são a voz da raça. E por que a vida não pode ser um perene carnaval? Ao cair do sol, a mocidade deveria dançar na praça pública, em homenagem ao Deus Momo, que é a última encarnação de Dionisos.

As raparigas de pés ligeiros e delgado porte, vestindo uma túnica sutil, dançariam ao som de instrumentos tropicais. E o boné e as inúbias encheriam o espaço, cantando a festa dos sentidos.

Dançai, raparigas! Cantai, raparigas! O velho e louco Belmiro aqui está para ouvir as vossas melodiosas canções. É um velho guerreiro trôpego, mas cuja flâmula já foi desfraldada em cem mil batalhas. Homenageai o velho guerreiro!

24 de fevereiro de 1935
Estado de Minas



O que houve ontem? Decidiram afinal?

Qual o quê. Só conversa fiada. Vou vestir este terno mesmo. Pois é, minha velha, Clarindo se aguentando na interventoria, você pode preparar enxoval de governador... E depois de um estágio em Cristália, quem me dirá que a senhora não se plante no Catete?

Botequim no Santo Cristo, nove da noite. O pedreiro toma chope com seu servente. Em mesas próximas taifeiros, moços de convés, serventes, foguistas. Chega um estivador, assenta-se ao lado do pedreiro e pede cerveja preta e um charuto. O rádio fala de política. O pedreiro comenta:



Chato, esse cara! Como enche! Que é que o outro estava dizendo do Pequenino?

Sei lá. Só sei que o Pequenino não dá sopa. Com ele é no duro. Pequenino é nossa gente! Acaba espalhando essa cambada toda.



Tá legal. O Pequenino é ligã. Dei meu voto pra ele. E ainda dou toda vez que houver eleições, tá bem?



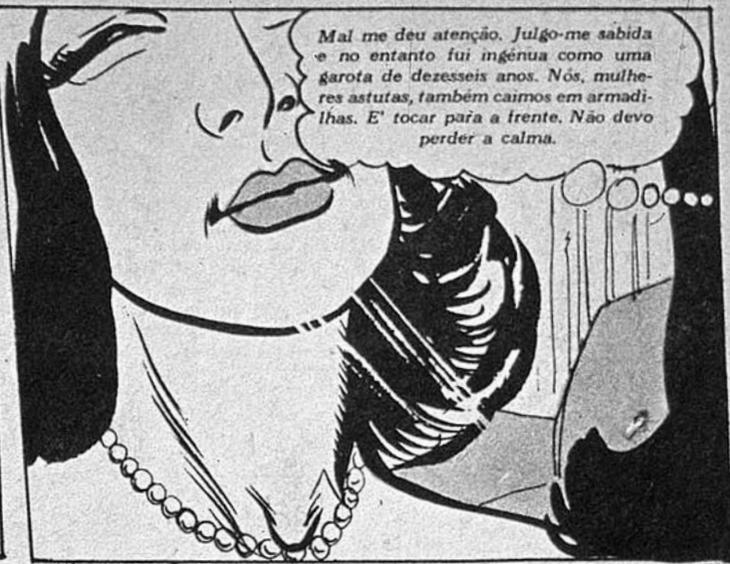
Pois sim. Tá tudo subindo. E cadê a carne de seis cruzeiros? Vai ver se tu compra! Se fôr pra fila é um dia de serviço que tu perde.



Bem que o Pequenino quer arrumar as coisas. A cambada é que atrapalha. Ouviram o discurso dele, anteontem? O Pequenino é nossa gente. E' O Pequenino é ligação. E' de nós pequenos. A cambada não ajuda, está claro, ele não pode fazer nada. Lógico!



Retocando a pintura no espelho, enquanto Pedro Gabriel a espera na varanda, Edméia pensa: as coisas andarão assim tão ruins para ele? Ou será que esse pilantra tem outra mulher na cabeça? Esteve todo o tempo tão abstrato...



Mal me deu atenção. Julgo-me sabida e no entanto fui ingenua como uma garota de dezesseis anos. Nós, mulheres astutas, também caímos em armadilhas. E' tocar para a frente. Não devo perder a calma.



Atinal pelo menos me divirto, já que ando disponível e não me interesso por homem algum no momento. Vejo-o em maus lençóis, mas não importa. Jogar na baixa dá mais sensação. E' esperto. Sua cotação subirá com o tempo.

Ela recorda o passado...



O flerte começara numa reunião em casa de Gilda, fazia perto de um ano. Maravilhou-se de ter ao pé de si, todo solícito, aquele discutido personagem acerca de quem se diziam as mais contraditórias coisas. O espetáculo político sempre a excitara



Aprazia-lhe ver aqueles homens se entredevorarem. Não raro ia à Câmara ou ao Senado quando se anunciavam debates sensacionais. Desde pequena fascinava-a ouvir em casa do avô aquelas histórias de manobras sutis em que punhais se dissimulavam sob cortêsias e sorrisos e se instilava nas taças o veneno, enquanto os brindes eram trocados.



Conversara com êle o tempo todo no coquetel de Gilda, desinteressando-se de outros que a requestavam. Achara-lhe um que de galante e bonito, para reforço da legenda. O malandro era simpático, sem dúvida. No dia seguinte não se fez esperar o início do assédio pelo telefone. Ia ser longo.



Acervo de Escritores Mineiros - UFMG

No Brasil da década de 50, as coleções *Edição Maravilhosa*, da Ebal (Editora Brasil e América Latina) e *Romance em Quadrinhos* da Rio Gráfica Editora começaram a publicar adaptações de clássicos da literatura nacional. Nesses anos, literatura e quadrinhos pareciam compartilhar um imaginário contínuo, no qual as histórias em quadrinhos seriam uma espécie de porta de entrada para o universo da leitura. Na quadrinização de uma obra literária, o texto original funcionaria menos como uma origem que como um destino, pois,

MONTANHANA, BRASIL

MARIA ANGÉLICA MELENDI

ao atravessar o limite entre os gêneros, o desenho ocuparia o foco central e os textos agiriam apenas como notações.

Na capa de *Montanha*, de Cyro dos Anjos, número 10 da coleção *Romance em Quadrinhos*, publicado em setembro-outubro de 1957 pela Rio Gráfica Editora, já está perfilado o pacto de leitura proposto pelos adaptadores. Um homem de terno branco fuma, sentado numa varanda que se abre para a baía de Guanabara. As imagens etéreas de dois rostos femininos superpõem-se à paisagem carioca. Numa tarja amarela, à esquerda, se lê: *Agora sei por que todas as tardes espero, com ânsia, a sua volta...*

A segunda capa destaca o nome do desenhista: Gutemberg Monteiro e, em tamanho aparentemente proporcional à sua importância na trama, os rostos dos personagens e seus nomes: Pedro Gabriel, Naná, Edméia, Everardo. A sugestão da capa, que parece aludir ao conflito de um homem dividido entre duas mulheres, é apenas uma chamada para introduzir a complexa narrativa da obra – um *roman à clef*, onde múltiplas histórias entrelaçam-se no cenário das intrigas políticas do último governo Vargas. Alianças partidárias, acordos

políticos, ações subversivas, casamentos de conveniência, amores clandestinos são, às vezes, o foco da narrativa, às vezes o pano-de-fundo sobre o qual paira a ameaça de uma insurreição militar iminente.

Como o romance do qual foi adaptado, *Montanha* começa num trem que leva Pedro Gabriel ao Rio de Janeiro. A jornada iniciada nessa viagem vai se desdobrando em muitas outras. Naná, pelo contrário, viaja para o passado nas páginas do seu diário. A figuração áspera, aparentemente linear, dissolve-se em cortes bruscos que tentam escandir o tempo no ritmo irregular dos quadrinhos ilustrados: a ação se desagrega, o corte desconcentra o leitor e impede a síntese. Ao se limitar aos diálogos e monólogos interiores – na adaptação, as descrições são substituídas por imagens – a intensidade textual se dispersa e se estilhaça.

Montanha, romance em quadrinhos, revela o desenho da época: contornos delimitados, áreas preenchidas de negro ou cinza, sombras. Os tipos físicos dos protagonistas – homens altos de

mandíbulas proeminentes, mulheres sedutoras – são similares aos dos heróis e heroínas dos quadrinhos americanos. Apenas o bigode à Clark Gable de Pedro Gabriel sugere uma possível filiação latina. Em alguns personagens secundários, Gutemberg Monteiro, traçou tipos locais e, ainda, quase-retratos, como acontece na seqüência dedicada ao diálogo entre o presidente e sua filha. Nessas páginas, é impossível não identificar as figuras de Getúlio e Alzira Vargas.

Lemos o romance em quadrinhos *Montanha*, com a saudade de um tempo que hoje nos parece, de alguma maneira, mais simples ou mais ingênuo. Um mundo em que os gêneros novos tentavam se legitimar através dos consagrados, no seio de uma cultura que apenas começava a ser híbrida. Na contracapa da publicação – sob o subtítulo de *Um romance diferente* e ao lado de uma foto de Cyro dos Anjos –, um texto não assinado declara a dificuldade e o desafio de adaptar obras do tipo de “Montanha”, onde há “pouca ação”. Adaptado com *critério e comedimento*, desenhado com exatidão, o romance em quadrinhos

complementa-se, na quarta capa, com uma entrega do *Caderno de Poesia*, que reproduz a tradução de Guilherme de Almeida da *Canção de Outono*, de Verlaine.

A utilização da arte seqüencial para reescrever obras consagradas nunca deixou de existir – lembrem-se as primorosas adaptações feitas por Stéphane Heuet, em 1998, de *Em busca do tempo perdido* ou *La Argentina em pedazos. Una historia de la violencia argentina a través de la ficción*, organizada por Ricardo Piglia, em 1993.

Apesar desses e outros exemplos, resulta difícil, hoje – depois dos super-heróis, da *grafic-novel* e do mangá –, pensar em quadrinização da literatura. Essa complexa operação de passagem das palavras ao desenho, nos convida, porém, à descoberta e à propagação de um repertório de imagens ocultas, escondidas nos vazios do texto.

{ MARIA ANGÉLICA MELENDI é crítica de arte e professora da Escola de Belas Artes UFMG.

A
ESCRITA
AUTOBIOGRÁFICA
EM
CYRO
DOS
ANJOS

REINALDO MARQUES

Com a publicação de *A menina do sobrado*, em 1979, Cyro dos Anjos se inscreve na tradição mineira da literatura memorialística, autobiográfica, já palmilhada por Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Pedro Nava, entre outros. Literatura marcada pelo seu apreço à primeira pessoa, pelas conexões intrincadas e oblíquas entre o particular e o universal, a realidade e a invenção. A obra divide-se em duas partes: a primeira, cobrindo o período da infância e adolescência do Narrador transcorrido na bucólica Santana do Rio Verde, hoje Montes Claros, intitula-se precisamente “Santana do Rio Verde” e já havia aparecido de forma solitária em 1963, com o título *Explorações no tempo*; a segunda, dedicada aos tempos da juventude passada quase toda em Belo Horizonte, entre 1923 e 1931, foi escrita posteriormente e nomeada “Mocidade, Amores”¹.

Nessa mudança de título, opera-se um significativo deslizamento, em que o elemento espacial ganha relevância, ombreando-se ao tempo. Especialmente se se considera o deslocamento do autobiógrafo de um mundo rural, típico de uma vila do interior mineiro, para o mundo urbano da nova Capital, signo da modernidade à época. Deslocamento que implica perdas e ganhos, com profundas conseqüências para a sensibilidade e aspirações do Narrador. Demonstra essa importância adquirida pelo espaço o excerto “As cinco saídas de Santana” (1ª parte), em que se recupera uma geografia da infância sob os impactos da modernização tardia.

Cada parte é constituída por textos breves, à maneira da crônica, na medida em que recebem uma

nítida marcação cronológica, aliada a refinadas reflexões sobre acontecimentos e experiências, individuais e coletivas, que dão ossatura e compleição à mera sucessão temporal. Reflexões cunhadas numa linguagem altamente elaborada, de estilo mais clássico, em que abundam alusões e citações literárias, artísticas, filosóficas, traindo às vezes certa entonação machadiana, como no saboroso e ilustrativo diálogo contido em “O Birô, o Espelho” (2ª parte). Assim, o fluxo narrativo é contido frequentemente pelo mecanismo da digressão, da auto-reflexão. Mecanismo que permite ao eu dobrar-se sobre si mesmo e sobre os outros, sobre sua história pessoal e a de sua comunidade, na busca, nem sempre frutífera, da atribuição de sentidos ao vivido.

Para Sylvia Molloy (*Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica*, 2003), a autofiguração do eu propiciada pela autobiografia passa sempre pela mediação da narrativa, pela linguagem, como única forma de apreendermos a nossa existência; o que significa que a vida é necessariamente uma história, uma construção narrativa. Ou seja, um texto em que um eu se representa, se encena, por meio da rememoração, da verbalização. Mais que a questão da referencialidade, importa nessa encenação do eu a forma como os acontecimentos preservados na memória se articulam, compondo uma malha textual em que os vazios decorrentes do esquecimento ativam não raro elementos imaginativos e criativos, num esforço de fazer falar o que já se calou. Aspecto que aproxima a escrita autobiográfica da prosopopéia, figura cuja retórica procura fazer reviver os ausentes, os mortos, um sujeito arruinado no

tempo, emprestando-lhes uma máscara textual. De sorte que, nessa automodelagem do eu empreendida pelo texto autobiográfico, a grafia-de-vida não coincide com o vivido; colocados em diferença, o texto e a vida tornam-se assimétricos.

Na escrita autobiográfica de Cyro dos Anjos, o sujeito, os ausentes, os mortos revivem e falam a partir de um apurado recurso aos “arquivos da memória”, conforme testemunham inúmeras passagens de cunho metamemorialístico. Trata-se de uma escrita auto-reflexiva que, ao voltar-se também sobre si mesma, explicita suas operações arqueológicas na escavação do eu, os procedimentos de recuperação do passado. Essa auto-reflexividade imprime ao texto de Cyro dos Anjos um caráter saborosamente moderno. De inspiração proustiana, sua oficina da memória se vale de múltiplos procedimentos, em que se entrecruzam a memória voluntária, marcada por uma atuação volitiva do autobiógrafo, e a memória involuntária, com suas reminiscências, fragmentos de um mundo extinto ou inconsciente, que tomam de assalto o curso linear da escrita, imprimindo-lhe insuspeitadas direções. Exemplifica-o a seguinte passagem:

A memória é manhosa, tenho de negacear. Primeiro, reproduzo o painel, assim como vem à mente; depois, investigo pormenores, procuro restituir a pintura primitiva, removendo as finas pinceladas com que, sobre ela, o Tempo compôs outros quadros. Cenas fugazes, que antes haviam cintilado apenas – brinquedos no Largo de Cima, Atualpa contando histó-

rias, soneca na marquesa da sala de jantar – desdobram-se, então, em perspectivas mais amplas, e mundos, que pareciam para sempre perdidos, vão, aos poucos, emergindo à superfície da lembrança. (p.19-20)

No trato com a lembrança, figurada plasticamente enquanto camadas superpostas, um primeiro movimento, ou negaceio, consiste em fixar o plano geral para, em seguida, removendo camadas, focar os elementos particulares, até então meras cintilações, revelando mundos perdidos. Esses fragmentos cintilantes de mundos remotos – os dias da infância e da adolescência protegidos pela bruma dos tempos –, semelhantes às mônadas benjaminianas, mostram-se de relance em “momentos extraordinários”, resistindo à completa revelação. Nesses casos, investigando até onde o leva “o instantâneo lume”, o Narrador se vale de outras estratégias:

Quando me fogem, não desespero: vou deslocando a câmara, vou tomando vistas em diferentes posições. Assim, a uma realidade poética exclusivamente minha, posso agregar outra, que se presume objetiva e que, menos particular, mais universal, seria, também, a de Loyola ou a de Espínola, se conosco palmilhassem ainda os caminhos da terra. (p.44)

Por meio dessa técnica do movimento de câmera, procurando ver de diferentes ângulos, o autobiógrafo movimenta-se do pormenor para o conjunto, de modo que uma realidade poética acaba incorporando uma realidade mais objetiva. Por esse

mecanismo de movimentos reversíveis entre o particular e o universal, o individual e o coletivo, o relato do eu constitui-se também num relato sobre o outro; a observação do mundo privado do eu é também observação da cena pública, da sociedade. Essa reversibilidade, em que experiência pessoal e observação do mundo se confundem, é que faz com que a autobiografia se torne heterobiografia, conforme observou Antonio Candido em lúcido estudo, contido em *A educação pela noite & outros ensaios* (1987), sobre a literatura autobiográfica em Minas.

Outra operação importante da escrita autobiográfica de *A menina do sobrado* relaciona-se àquela abundância de alusões e citações literárias, artísticas e filosóficas. Tem a ver com a esclarecedora análise de Sylvia Molloy sobre o papel da leitura nas autobiografias hispano-americanas, levando-a a afirmar que “a autobiografia é tanto uma maneira de ler quanto uma maneira de escrever”. Tal afirmação me parece plenamente aplicável aos autobiógrafos mineiros. No projeto autobiográfico de Cyro dos Anjos, a cena de leitura é recorrente e estruturante. Não por acaso, como lembrança impressiva da infância, o texto de abertura faz reviver o clã familiar em torno da “mesa de pereiro branco”, à hora das refeições, precedidas sempre da leitura feita pelo pai de trechos variados, que incluíam páginas de divulgação científica, discursos, ensaios, biografias. Os livros chegavam a Santana por meio de caixeiros-viajantes ou pela viagem anual do pai ao Rio de Janeiro.

São inúmeras as passagens em que o Narrador conta suas experiências de leitura, a descoberta de um autor, as impressões que lhe causam certos

livros. A leitura se realiza tanto de forma solitária, no quarto, quanto de maneira coletiva, compartilhada com amigos e irmãos, a exemplo da leitura de obras românticas relatada em “Amores de Planchet” (1ª parte). Assim, autobiografar-se é também se constituir como leitor, apropriando-se do arquivo literário e cultural do Ocidente. Na experiência do escritor montesclareense, entretanto, a apropriação da cultura letrada se mescla com a cultura popular presente em Santana, seja sob a forma das histórias da ama Luísa Velha, das canções e festas, seja sob o deslumbramento recente do cinematógrafo. Mescla que se intensifica no espaço urbano da nova Capital, onde viverá sua juventude.

À guisa de conclusão, pode-se dizer que é por meio da apropriação desse arquivo, recortando-o e citando-o, que o nosso autobiógrafo elabora uma imagem de si e dos outros. Como evento mediado pela narrativa, representar a própria vida implica forjar um mosaico de alusões e citações do discurso do outro, em cujo espelho o autobiógrafo vê-se a si mesmo e a sua comunidade. Mas o faz à sua maneira, lendo esse arquivo de modo freqüentemente alterado ou distorcido. Assunto para outra matéria.

1. *Explorações no tempo* (memórias) teve apenas uma edição (Rio de Janeiro: José Olympio, 1963); seu texto revisto passou a integrar, com o título modificado, *A menina do sobrado*, cuja primeira edição, de 1979, saiu em co-edição da José Olympio e Instituto Nacional do Livro/MEC, e já conta com uma segunda edição (Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Garnier, 1994). As citações contidas nesse artigo são dessa segunda edição.

{ REINALDO MARQUES é professor de Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da UFMG.

15 de julho de 1993

Caro Lyro:

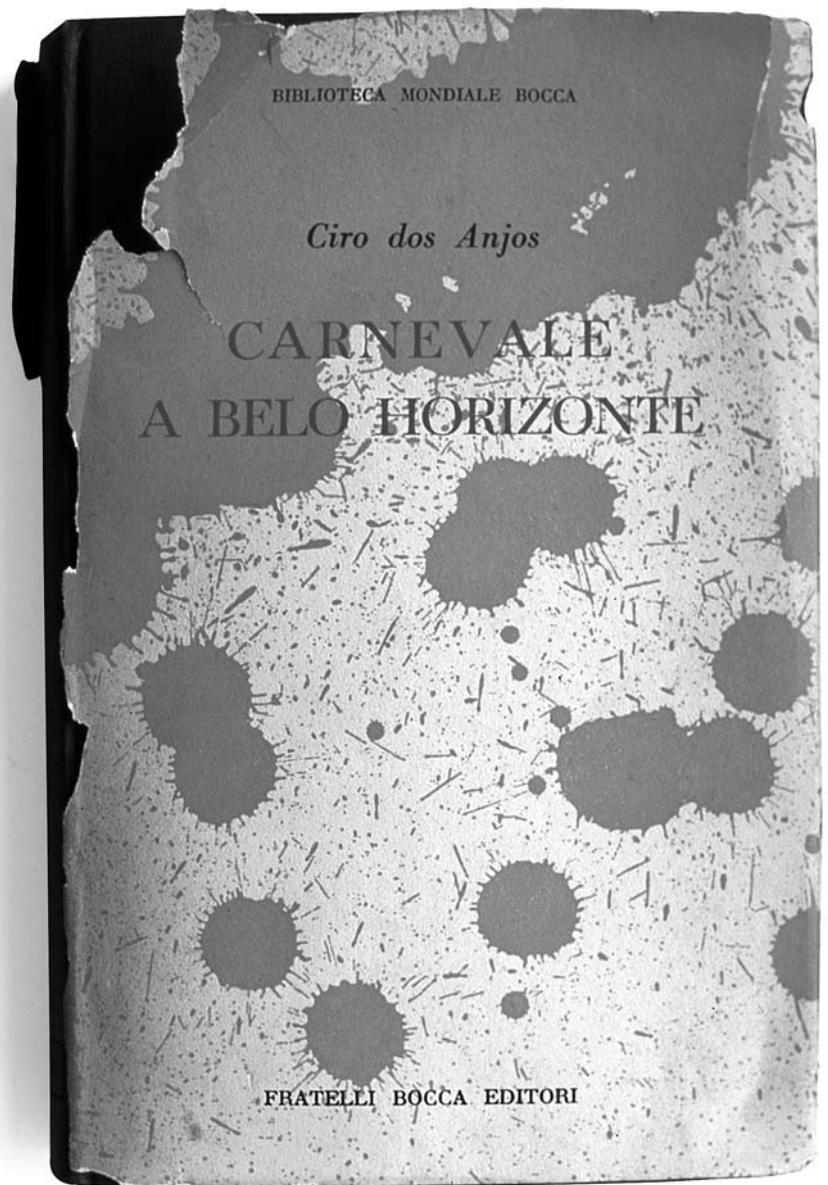
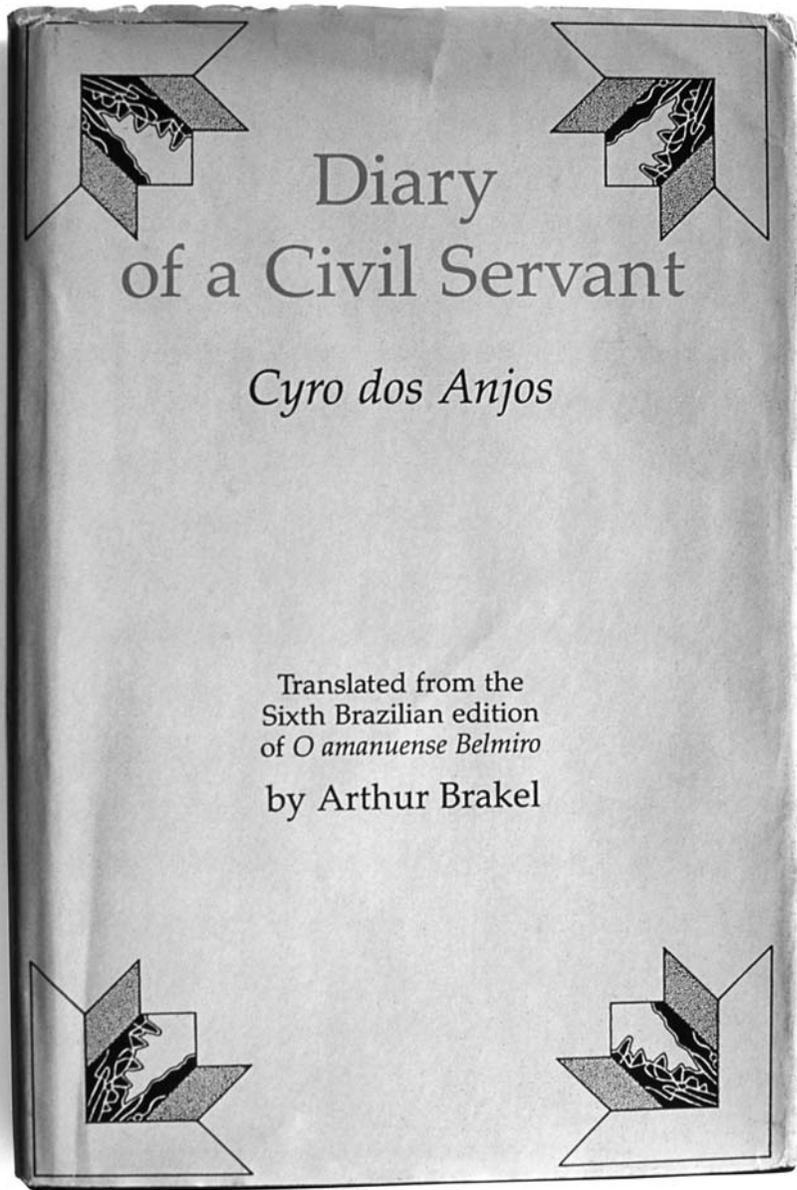
Por um amigo comum, fiquei sabendo com muita pena do falecimento de sua senhora, e venho por meio desta apresentar-lhe os meus pensamentos sinceros, lamentando o vazio doloroso que deve sentir, após tantos anos de vida em comum.

Como não temos muita oportunidade de contato, quero dizer que continuo o mesmo admirador de sempre, e ainda recentemente, respondendo a um questionário sobre quais são os dez maiores romances brasileiros deste século, não hesitei em incluir O Amante de Belmiro, mesmo lista que começa com Esaú e Jacó.

Caro Lyro, são poucos os escritores capazes, como você, de marcar o seu tempo de maneira tão pessoal e profunda, que a posteridade se abre como conquista segura.

Aceite o abraço amigo do

Antonio Candido



FRAGMENTO DE

O AMANUENSE BELMIRO

CYRO DOS ANJOS

Como esta Rua Erê me entenece! Cá estou, de novo, e melhor fora não ter saído. A verdade está na Rua Erê e não no Arpoador. É aqui, nesta sala de jantar, onde o relógio de repetição bate horas caraibanas, que encontro um refúgio embora precário.

Emília continua grave e exata. As coisas, louvado Deus, não se mexeram de seu lugar. Tudo está como deixei e como sempre esteve. Tirante a ausência da pobre Francisquinha, nada se alterou no curso destes doze anos. Entretanto, as transformações interiores me devastaram. Ano difícil, este que se foi! O velho Borba não confiava na paz das coisas e dizia que os reveses vêm, depois, uns sobre os outros. Assim foi em 35, ano tempestuoso. Terá passado o furacão?

Até então, a vida me parecera de tal modo parada que supus estar no passado o sentido de minha existência. Por que procurar um sentido individual de existência? Há, nas intermináveis chapadas do sertão, pequenas árvores que não dão frutos, nem sombra, nem possuem raízes medicinais. Ali estão, talvez, apenas para compor a paisagem da selva. Não estarei aqui somente para integrar o vasto painel humano – ponto de luz ou de sombra, molécula puramente pictórica, sem outro destino? Deveria conformar-me com isto, mas o canço pensante, inquieto, quis explicar-se.

